

# A banalização da paisagem e o mp3

-PRISCILLA PELLEGRINO-  
DE OLIVEIRA

intransitiva  
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# A banalização da paisagem e o mp3

Priscilla Pellegrino de Oliveira —

*Da janela vê-se o Corcovado, o Redentor, que lindo!*  
————— Tom Jobim

Em meio a prédios mal construídos e uma nuvem de poluição, vê-se o Corcovado. O Cristo Redentor continua ali, majestoso como deve ser, belo, oferecendo um abraço a todos aqueles que o olham. Mas quem olha para ele? Quem se importa com sua oferta de conforto paternal? Todos estão dirigindo, correndo, trabalhando, olhando para o relógio, para o número do ônibus, para o bueiro e para qualquer outra coisa que não deveria importar. Por que não olhar para a beleza de uma das sete maravilhas do mundo moderno? Por que não deixar os outros passarem enquanto você suspira ao olhar para ele? Descanse os olhos, sinta o alívio no peito, faça isso pela primeira vez e ele te perdoará por tê-lo negligenciado com tanta frequência.

— O reconhecimento do belo traz a paz de espírito, mesmo que temporária. Reconheçamos que o valor dado à paisagem não é justo.

— Como você consegue acordar de manhã e não admirar o mar diante de seus olhos?

Já me acostumei tanto que não presto atenção.

\*\*\*

Como é possível passar pelo mar sem se extasiar diante de sua imensidão? Ver o horizonte ao longe, procurar o infinito, perceber sua moção, sentir

a energia, encher o coração. Uma característica tão marcante desta cidade sendo tão menosprezada pelos próprios nativos. Pessoas passam pelos diversos lugares e não o procuram, não o percebem ali tão perto. Veem apenas água salgada em vez de uma visão tão poética e pitoresca. É ele, o mar! Será que vocês não podem sair por um minuto da dura realidade de suas vidas e se acalmarem com a imagem da vastidão?

O mar representa uma saída e a sensação de uma cidade sem mar é claustrofóbica.

Se não fosse o mar, eu, a pensar, estaria derrotada pela culpa que carrego. Culpa por contribuir com a degradação, com a sujeira, com o lixo, com o cinza que às vezes faz parte do céu. Afinal, este é o lugar da beleza e da decadência.

— Ei, você deixou uma latinha e um cigarro na areia.

— Alguém limpa.

\*\*\*

Vou viajando pela ponte e ouvindo uma bossa. Olho para o Rio de Janeiro de dentro do veículo e ouço uma melodia suave e doce a tocar. O fone de ouvido emite ondas que atingem os tímpanos com uma canção gostosa. O som combina com a paisagem. Esta, pitoresca. Os versos se desdobram em palavras nostálgicas. Saudade. Tristeza. Beleza. Melancolia. Felicidade.

A leveza das ondas encontra a graça da cidade num harmônico fluxo contínuo. Será que Tom imaginava que suas canções, antes tocadas em *long play*, seriam transformadas em arquivos de extensão ponto mp3? Não precisamos mais da capa do álbum com fotos de artistas, pois agora fazemos *downloads* de nossas músicas preferidas, colocamo-nas em um minúsculo aparelho que suporta nem sei quantas canções, dependendo de sua capacidade *gigabática*.



Ilustração de Marcus Homsí

Quem imaginaria que Garota de Ipanema seria mais uma em um grupo de duzentas, quatrocentas canções? Mesmo assim, ficou mais fácil ouvi-la com este aparelhinho. Imagine-se passando pela Baía de Guanabara em um dia quente e ensolarado, olhando para o mar, precioso como turquesa, e não poder, naquele momento, ouvir uma bossa porque não há como carregar um aparelho?

A concordância que existe entre o panorama carioca e o samba pausado e suave é perfeita, tanto que nos desperta para o sentimento do belo e para uma vontade de chorar só pela emoção dessa união. E tudo isso cabe dentro de um *smartphone* qualquer.

É mesmo exuberante, a paisagem. Mas qual é o significado de exuberância mesmo? Segundo o mestre<sup>1</sup>, exuberante é algo “abundante, expressivo, grandioso, animado, viçoso, vigoroso e excessivo”. Exatamente. A visão é tamanha que causa medo. A vida abunda através do tumulto extraordinariamente desorganizado. Ela se mostra como a mais pura expressão do descaso e do esquecimento daqueles que animam os mais diversos pontos da cidade. Tudo ali é exuberante: a sujeira, o vício, a ameaça, a desuniformidade, o mea-culpa. O retrato da nossa indiferença.

\*\*\*

Mas acho que Tom não ficaria chateado se visse o novo formato de suas canções. Afinal, a verdadeira música, assim como a paixão, é gravada no coração.

<sup>1</sup> BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

## Sobre a autora

Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras, Estudos de Literatura, da UERJ. Bolsista CNPq. Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Graduada em Letras pela UFJF.